

COMUNIDADE PORTUGUESA EM SÃO PAULO – ANOS 2010

*Alice Beatriz da Silva Gordo Lang**
*Maria Christina Siqueira de Souza Campos***

Resumo: O estudo trata de imigrantes portugueses, suas associações e obras na cidade de São Paulo, focalizando o século atual. Diz respeito ao processo de inserção no país de acolhimento e à questão da identidade, orientando-se pelos conceitos de migração, identidade e inserção considerada em seus dois polos – integração e preservação das raízes. Além da bibliografia, utilizou fontes de dados diversas: fontes escritas especialmente obtidas junto à comunidade, fontes orais, como relatos de vida e depoimentos coletados por meio da metodologia da história oral, programas radiofônicos, além de fotos. Sendo esparsa a comunidade na cidade, os portugueses dificilmente identificados dada a semelhança de traços fisionômicos e sobrenomes, a língua sendo a mesma, a opção foi tomar como base o movimento associativo e as instituições da comunidade. O texto mostra o empenho da comunidade na preservação das raízes portuguesas e a ambiguidade de que se reveste a identidade dos portugueses no Brasil.

Palavras-chave: Imigração portuguesa. São Paulo. Associações centrais e regionais. Integração. Preservação das raízes.

Portuguese community in São Paulo - years 2010

Abstract: This study deals with Portuguese immigrants, their associations and works in the city of São Paulo and focuses on the present century. It concerns the insertion process in the country of shelter and the question of identity, and it is oriented by the concepts of migration, identity and insertion, considered in its two poles – integration and preservation of the roots. Besides the bibliography, it used varied data sources, such as: written sources, especially the ones that were obtained from the community, oral sources, as life reports and testimonies collected through the methodology of Oral History, radio broadcasting programs, besides photos. As the community is scattered and the Portuguese are not easy to be identified due to the similarity of physiognomic traits and surnames, and the language being the same, the option for this study was to take the associative movement and the institutions of the community as basis. The text shows the effort of the community to preserve the Portuguese roots and the ambiguity that marks the identity of the Portuguese community in Brazil.

Keywords: Portuguese immigration. São Paulo. Central and regional associations. Integration. Preservation of roots.

* Doutora em Sociologia pela USP e pesquisadora do CERU.

** Professora associada da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto da USP e pesquisadora do CERU.

INTRODUÇÃO

Tratamos de imigrantes portugueses. Tratamos de portugueses que, depois que o Brasil se tornou independente de Portugal, demandaram o país, em geral em busca de oportunidades de trabalho. Vieram para se fixar por longo tempo ou em caráter definitivo. São os emigrantes que se tornam imigrantes ao adentrar o país de acolhimento. Tratamos da comunidade formada por imigrantes portugueses e luso-brasileiros em São Paulo, nas décadas iniciais do século XXI.¹

A partir de meados do século XIX, foi a lavoura do café o principal fator de atração da então Província de São Paulo. Nas décadas iniciais do período republicano, anos da chamada República Velha (1889-1930), entraram no país 3.438.725 imigrantes, sendo 1.028.969 (29,9%) portugueses. Foi o segundo maior grupo, vindo após o de italianos, o mais numeroso, e sendo seguido pelo de espanhóis. A imigração japonesa teve início em 1908.

Na década de 30, fatores políticos modificaram o fluxo migratório. Com a Revolução de 30² e a subida de Getúlio Vargas³ ao poder, a preferência foi dada aos trabalhadores nacionais do Norte e Nordeste, que passaram a migrar para o Sul e Sudeste do país. Medidas governamentais, como o sistema de quotas por nacionalidade, levaram à queda dos números da imigração. Em 1939, o Decreto nº 34, de 22 de abril de 1939 abrandou a restrição para imigrantes provenientes de Portugal. De 1931 a 1949, só 384.243 estrangeiros entraram no país, dos quais 129.407 (33,68%) eram portugueses. (LEVY, 1974, p.71-73).

Na década de 50, anos do pós-guerra, os processos de industrialização e urbanização trouxeram oportunidades de trabalho para pessoas com pouca qualificação. Vieram, então, portugueses em grande número, provenientes da região norte de Portugal e das ilhas da Madeira e dos Açores, que viviam um processo de empobrecimento. O Brasil, país de mesma língua, era uma possibilidade visualizada. Muitos eram os portugueses que já

¹ Outras reflexões sobre essa temática foram apresentadas no VII Seminário Internacional sobre a (E)Imigração Portuguesa para o Brasil, realizado em 2011 em São Paulo, com o título “Portugueses em São Paulo no século XXI: a questão da identidade”, no 39º Encontro Anual de Estudos Rurais e Urbanos, promovido pelo CERU, em maio de 2012, com o título “Portugueses em São Paulo no século 21: tradição e identidade” e na Conferência da International Oral History Association realizada em 2012 em Buenos Aires, trabalho intitulado “Portuguese Immigrants and Living Conditions: the arrival and current times”.

² A Revolução de 1930 foi o movimento armado que pôs fim à Primeira República, período dominado pelos Estados de São Paulo e Minas Gerais. O resultado da eleição presidencial foi contestado e, vitoriosa a revolução, o candidato opositor derrotado, Getúlio Vargas, foi conduzido ao poder que foi exercido de forma ditatorial.

³ Getúlio Vargas (1882-1954) nasceu em São Borja, RGS. Foi deputado, ministro da fazenda e líder civil da Revolução de 1930. Governou o país de 1930 a 1945, sendo de 30 a 34 e de 37 a 45 de forma ditatorial, quando foi deposto. Em 1950, foi eleito Presidente da República. Suicidou-se em 1954, antes do término do mandato.

moravam no país. O sonho de uma vida melhor, de melhores oportunidades, trouxe, ao Brasil, 229.801 portugueses (LEVY, 1974, p.71-73). Chegaram entre 1950 e 1963 e se estabeleceram em maior número no Rio de Janeiro, então Distrito Federal, e em São Paulo. Tratava-se de uma imigração econômica que chegou ao fim em 1964, quando os portugueses que deixavam seu país, passaram a optar por outros destinos, como França, Alemanha, Estados Unidos e Canadá.

Esses portugueses, que chegavam em geral com a família, somavam-se aos que aqui já estavam e seus descendentes, segunda e terceira gerações de já nascidos no Brasil. Formaram a comunidade portuguesa e luso-brasileira, que agora buscamos delinear.

Além da imigração econômica, houve a imigração política dos que se opunham ao governo ditatorial de Salazar⁴ e, posteriormente, com a Revolução dos Cravos em 1974,⁵ foram salazaristas que buscaram o Brasil. Havia também jovens que deixavam Portugal fugindo à tropa, ou seja, à incorporação no exército, que significava o envio para lutar nas colônias africanas por quatro anos ou para a pesca do bacalhau por seis anos. Na década de 70, o processo de libertação das colônias africanas levou muitos portugueses que moravam nessas colônias a buscarem o Brasil em fuga apressada.

Nos anos 1990, outra fase teve início. Não era mais uma imigração de pessoas, mas de capitais. Portugal, membro da União Europeia desde 1986, conheceu uma melhoria em sua situação econômica e se preparava para uma expansão além mar. Uma análise dessa ampliação dos negócios portugueses no Brasil foi apresentada por Luiz Felipe Lampreia (2003), ex-embaixador do Brasil em Portugal e ex-ministro das relações exteriores. O Brasil, então uma nação democrática, experimentara um bem sucedido plano de combate à inflação; oferecia ampliação do mercado de consumo, estabilidade e solidez monetária. Entre 1996 e 2002, os investimentos de empresas portuguesas no Brasil somaram 16 bilhões de euros – foi a chamada “redescoberta do Brasil”. Investimentos foram feitos em setores variados como a telefonia (a Portugal Telecom realizou grande investimento); no setor de energia distinguiu-se o grupo EDP, que atuou nos setores de geração, transmissão e distribuição de energia elétrica; outros setores receberam também investimentos portugueses: financeiro (Caixa Geral de Depósitos, Banco Espírito Santo), construção e operação de infraestrutura rodoviária (Brisa), tecnologia da informação (Novabase), hotelaria (Grupo

⁴ António de Oliveira Salazar (1889-1970) foi ministro de finanças de Portugal de 1928 a 1932. Fundou o Estado Novo, governo ditatorial conduzido por ele até 1968, quando adoeceu.

⁵ A Revolução dos Cravos foi o golpe militar que, em 25 de abril de 1974, depôs o regime ditatorial do Estado Novo, implantado por Salazar em 1933. Foi criada a Junta de Salvação Nacional que nomeou o General António Spínola Presidente da República.

Pestana), porcelanas (Vista Alegre), entre outros mais. Eram capitais privados. Com o capital, vinham gestores e técnicos qualificados, em geral com um contrato de trabalho e com prazo definido para retorno.

Já no século XXI, crises atingiram Portugal e a economia do país se deteriorou. Portugueses voltaram a procurar o Brasil solicitando visto de trabalho, como foi noticiado na imprensa. Eram agora pessoas qualificadas, muitos engenheiros, arquitetos e técnicos que buscavam o Brasil.⁶

Aqueles que chegaram depois dos anos 1970 encontraram uma comunidade já estabelecida. Como se delineia a comunidade portuguesa de São Paulo no século XXI?

A Embaixada de Portugal, a partir de dados do Departamento da Polícia Federal, informa que em 2011 foram contabilizados no Brasil 329.199 nacionais portugueses. No Estado de São Paulo são 159.867 e no Rio de Janeiro 130.488, totalizando 88%. Os demais, em números pequenos, distribuem-se por diversos Estados da federação.

A mesma fonte informa que o Censo de 2000 indica a presença de 213.203 portugueses, incluindo os binacionais; a maior concentração estava nos Estados de São Paulo e Rio de Janeiro (90%), com predominância nas concentrações urbanas (99%).⁷ Dados sobre o total de portugueses na cidade de São Paulo não foram encontrados.

Uma grande dificuldade que se coloca ao pesquisador diz respeito ao fato de a comunidade portuguesa e luso-brasileira se achar dispersa na cidade. Nomes, sobrenomes e traços fisionômicos semelhantes aos dos brasileiros dificultam a identificação. O sotaque, poucos conservam depois de tantos anos no Brasil. Não existe uma escola da comunidade, apesar de terem existido alguns projetos que não vingaram. Poucos são os pontos de concentração. Sabe-se que em alguns bairros da cidade de São Paulo reside maior número de portugueses, como Vila Guilherme, Vila Maria, Freguesia do Ó, Vila Carrão, Parque Novo Mundo, Santana. É nesses bairros que estão sediadas associações regionais, criadas para congregar os oriundos de cada região.

A opção que se apresenta, tratando-se da comunidade de São Paulo, é o delineamento da comunidade por meio das obras e instituições criadas pelos imigrantes e seus descendentes, do movimento associativo, dos órgãos da imprensa da comunidade e de programas radiofônicos a ela dirigidos.

OBJETIVO, BASE TEÓRICA, FONTES E METODOLOGIA

Partimos da consideração da **migração** como o deslocamento de pessoas no espaço físico e cultural, para permanência definitiva ou por lon-

⁶ Revista Naus, n. 173, 2011, p.11.

⁷ Fonte: www.embaixadadeportugal.org.br

go tempo. Tratando-se do movimento migratório para outro país, distingui-mos a emigração e a imigração, correspondendo a primeira à saída do país de origem e a segunda, ao período que se segue à entrada no país de acolhimento (SAYAD, 1998). É um processo que se desenvolve segundo várias fases: a decisão de partir e os preparativos no país de origem; a viagem que deve ser vista como um marco de passagem; a inserção no país de acolhimento destacando os primeiros tempos e o momento da decisão de permanecer ou regressar. No primeiro caso há a inserção definitiva. No caso do regresso e reinserção no país de origem, fecha-se o percurso migratório (ROCHA-TRINDADE, 1995).

Uma das questões que se colocaram para a investigação diz respeito ao processo de inserção dos imigrantes no país de acolhimento. Duas forças atuam nesse processo, forças opostas e contraditórias, conduzindo uma à **integração**, para o que concorre todo o ambiente da sociedade em que se inseriram, e outra força, levando à **preservação das raízes** referidas ao país de origem. Buscamos conhecer as instâncias que atuam no sentido da manutenção das raízes e da ligação com o país de origem.

Integração social é entendida como o modo como o indivíduo se sente como membro de um grupo social, partilhando suas normas, crenças e valores. A integração é um processo sempre em curso, que marca os imigrantes que se inserem em outro país. Assume gradações diversas, tendo em um dos polos uma integração total no país de acolhimento e, no outro, a permanência do sentimento de pertença ao país de origem. Esse processo depende, evidentemente, do papel do Estado na sociedade de acolhimento e da legislação vigente sobre imigração.

A socióloga portuguesa Maria Beatriz Rocha-Trindade (2006) aponta as políticas dos países receptores: as assimilacionistas, hoje desacreditadas, e as pluralistas, que respeitam o direito à diferença das minorias, mas reconhecem seus direitos básicos. A inserção dos estrangeiros deve levá-los a atingir a cidadania plena, respeitando os direitos, os benefícios, mas também as decorrentes obrigações.

A permanência da ligação com a pátria de origem é parte integrante da **identidade coletiva** dos portugueses que estão no Brasil e do sentimento de **identidade pessoal** de cada imigrante.

Identidade é compreendida como um sentimento que se afirma no contato com a sociedade em que o indivíduo vive, se constrói e reconstrói em um processo dinâmico. Há a **identidade coletiva** que caracteriza um grupo ou sociedade com base em sua história, tradições e símbolos e a **identidade pessoal** ou individual. Segundo a análise do sociólogo português Boaventura de Souza Santos que focaliza a identidade coletiva, há em Portugal como país um *défice* identitário, sobressaindo-se mais as identidades regionais. Pode-se acreditar que, fora do país, a identidade portuguesa se afirma com maior força e se expressa em elementos como as tradições e a cultura.

A identidade pessoal se realiza dentro dos parâmetros da coletiva. A identidade pessoal é também um processo dinâmico que se afirma no contato com a sociedade, se constrói e reconstrói frente ao outro, em um processo muitas vezes de identificação com o outro, outras vezes de diferenciação. A mudança de um país para outro leva, sem dúvida, a uma mudança acentuada no sentimento de identidade, vista como um processo em curso. Como mostra Paulo Filipe Monteiro (1992), o processo identitário não depende apenas da forma como o sujeito pretende se afirmar, mas também da recepção do outro a essa afirmação, do reconhecimento dessa identidade pelo outro. Essa recepção pode ser positiva ou negativa, levando no último caso ao preconceito. As condições de vida no país de adoção vão condicionar, certamente, a forma como os imigrantes se veem e irão se comportar e como a população desse país irá ver o grupo imigrante.

Tratando da questão identitária de comunidades imigradas, Rocha-Trindade (2006) mostra que a identidade como um processo que apresenta modificações no decorrer do tempo. Destaca a autora: “No contexto das migrações internacionais, foi afirmado que a identidade social dos grupos e comunidades imigradas em dado destino é inicialmente marcada pela cultura que consigo transportam, desde o seu país e da terra de origem, passando depois a sofrer subtis influências que decorrem da convivência com os seus compatriotas que os precederam no percurso migratório e com a generalidade da sociedade receptora.” (p.89). Essas identidades acabam por se revestir de características híbridas de dupla pertença, dadas as ligações afetivas à cultura do país de origem. São identidades “recriadas”.

Propomos conhecer o papel e a influência das associações criadas pela comunidade no processo de identidade dos portugueses hoje em São Paulo, tanto no nível coletivo, quanto individual.

Assim, importa conhecer as associações, sua finalidade e funcionamento, buscando verificar aquilo que têm em comum e o que as diferencia. Além dos documentos elaborados pelas diferentes associações e de visitas para conhecer as diversas entidades, foram coletados relatos de vida e depoimentos com base na metodologia da história oral. Tratando-se este trabalho de um estudo sociológico, desenvolve-se segundo os pressupostos, finalidades e orientações teórico-metodológicos dessa disciplina. Visamos analisar e interpretar os dados coletados em suas relações com a sociedade mais ampla, para, em última análise, fornecer elementos para uma ação racional e coerente. Os relatos orais que colhemos são versões que expressam a forma como os entrevistados viram ou veem sua trajetória de vida ou os acontecimentos que vivenciaram ou observaram, sendo essencial a caracterização sociológica de cada um. (LANG; CAMPOS; DEMARTINI, 2010). Também a mídia oral e escrita da comunidade foi objeto de nossa preocupação.

OBRAS, INSTITUIÇÕES E ASSOCIAÇÕES REGIONAIS

Os portugueses criaram, na cidade de São Paulo, obras em setores diversos: saúde, economia, esporte, associações regionais, além de igrejas.

A primeira instituição foi a **Real e Benemerita Associação Portuguesa de Beneficência**, fundada em 1859. É hoje um dos maiores e mais modernos complexos hospitalares do país. Outras associações apareceram ainda na segunda metade do século XIX: a Associação Auxiliadora das Classes Laboriosas (1891) e a Sociedade Portuguesa Beneficente Vasco da Gama (1898).

Nas primeiras décadas do século XX foram criados a Câmara Portuguesa de Comércio (1912), o Clube Português (1920), a Portuguesa de Desportos (1920), além do Centro Republicano Português, de cunho político (1908) e de algumas sociedades de ajuda mútua, como a Associação Beneficente São Pedro do Pari (1917) e a Associação de Socorros Mútuos Sacadura Cabral (1925).

A **Câmara Portuguesa de Comércio** é uma associação civil sem fins lucrativos, fundada em 23 de novembro de 1912. “A Câmara tem como objetivo promover e incentivar o desenvolvimento das relações comerciais, econômicas e sociais, bem como o intercâmbio tecnológico, comercial e turístico entre Portugal e Brasil e outras pessoas ou organizações interessadas nestes países. Defende os interesses de seus associados e empresas que os mesmos representam, intervém em vistorias, ou como mediador e árbitro, em pendências que lhe sejam submetidas”.⁸ A Câmara possui em seu quadro de associados pessoas físicas e jurídicas, de origem portuguesa e brasileira. Publica um Boletim Informativo, a Câmara Portuguesa em Revista e um anuário. Tem sua sede do edifício da Casa de Portugal, Avenida da Liberdade, 602.

O **Clube Português** teve início em 14 de julho de 1920. “O objetivo era criar uma entidade que reunisse portugueses, seus descendentes e brasileiros, promovendo encontros das famílias, as festas comemorativas das datas magnas de Portugal e do Brasil, incentivando a ação cultural.”⁹ Está sediado na Rua Turiassu, 59, no bairro de Perdizes. Em seu amplo espaço são realizados eventos sociais e corporativos. Possui uma biblioteca e um grupo folclórico.

A **Associação Portuguesa de Desportos** teve início com a união de cinco clubes já existentes: Lusíadas Futebol Clube, Associação 5 de Outubro, Esporte Clube Lusitano, Associação Atlética Marquês de Pombal e Portugal Marinhense. A fundação foi no dia 14 de agosto de 1920. O Clube foi instalado em 1922 no Cambuci, em uma primeira fase, e no Ipiranga

⁸ Consultar a respeito www.camaraportuguesa.com.br

⁹ Consultar www.clubeportuguessp.com.br

na segunda. O espaço do Canindé, onde hoje se localiza o clube, foi adquirido em 1956. O time de futebol, paixão dos imigrantes portugueses, é conhecido como a Lusa. Outros esportes são também praticados, como futebol americano, hóquei, tênis, malha, boche, karatê, patinação artística. Dispõe de piscinas para os associados. Há uma parte social, festas são organizadas como as festas juninas de Santo Antonio, São João e São Pedro. A primeira festa de São João aconteceu no ano de 1926. A Portuguesa foi a primeira associação onde ingressaram os imigrantes, tão logo sua situação econômica se estabilizou. A sede fica na Rua Comendador Nestor Pereira, 33, no Canindé.

Associações regionais foram formadas na década de 1930 por imigrantes provenientes de uma mesma região, com a finalidade de manter a união dos conterrâneos, preservar as tradições portuguesas e da região de origem e auxiliar imigrantes em situação difícil, como decorrência da crise que o país enfrentava.¹⁰ A recessão mundial e a grave crise financeira de 1929 trouxeram uma crise sem precedentes e um grande desemprego. Muitos eram os imigrantes portugueses que passavam grandes necessidades, sendo desses anos a iniciativa de fundação de associações cuja finalidade seria ampará-los.

Na década de 30 foram fundadas na capital paulista várias associações da comunidade portuguesa: Centro Trasmontano (1932), que além da parte social desenvolveu um plano de saúde, Esporte Clube Recreativo Lusitano (1932), Casa do Minho (1933), Centro Beirão de São Paulo (1933), Associação Portuguesa de Esportes Atlético (1933) e União de Socorros Mútuos Pedro Álvares Cabral (1935).

Em 15 de julho de 1935 foi fundada a **Casa de Portugal** para se tornar uma *casa mater*; deveria fundir as demais associações, defender e promover a cultura e o idioma português, bem como prover assistência aos imigrantes portugueses em todos os níveis. Segundo José Verdasca (1993), a iniciativa para a criação da Casa de Portugal partiu de um grupo de portugueses representando cinco associações e que se reuniu no dia 9 de julho de 1935. Eram representantes da União Transmontana, da Casa do Minho, da União Portuguesa, do Centro Beirão e do Centro do Douro. Foi enviada uma carta-convite a todas as associações portuguesas e a elementos de destaque na colônia para uma reunião no dia 13 seguinte, quando então se oficializou a fundação da Casa de Portugal. Desenvolveu-se como a *casa mater*, embora não tenha conseguido atingir o objetivo de incorporar as demais associações, dado o forte regionalismo dos portugueses.

¹⁰ O crack da Bolsa de Nova York, em 1929, teve consequências graves para o mundo todo. O Brasil não escapou e a economia nacional refletiu esses efeitos. O café, principal produto de exportação do País, não encontrava mais mercado nas bolsas do exterior e os grandes produtores tiveram perdas enormes. Numerosas propriedades foram postas à venda em lotes menores.

A Casa de Portugal teve como seu primeiro presidente o Professor Dr. Francisco da Luz Rebelo Gonçalves, filólogo contratado para lecionar na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da então recém-fundada Universidade de São Paulo. Foi substituído pelo Dr. Aurélio Arrobas Martins, que faleceu pouco tempo depois, sendo eleito o Dr. Fernando Bacellar. Assim, em menos de um ano, a Casa de Portugal teve três presidentes. As atividades da Casa de Portugal tiveram início na Casa do Minho, passando para sedes alugadas, até chegar à sede própria. O terreno da Rua da Liberdade, 641 foi comprado em 2 de julho de 1943, por meio de empréstimo bancário e da angariação de fundos junto a associados para fazer face à dívida assumida; foi também adquirido o imóvel contíguo, número 602.

Em 1944, a Casa de Portugal instituiu a Ordem do Mérito Infante D. Henrique para demonstrar reconhecimento a cidadãos que desenvolveram ação eficiente no relacionamento luso-brasileiro, assim como aos que contribuíram para a construção da sede própria. Campanhas financeiras foram realizadas, a sede construída e finalmente inaugurada em 27 de dezembro de 1955. A Casa de Portugal correspondia ao sonho do arquiteto português Ricardo Severo que, em 1918, assim se expressava: "... casa em estilo português, e com uma porta tão ampla, que por ela caibam quantos portugueses haja na Colônia." (VERDASCA, 1993, p. 133).

O Conselho da Comunidade Luso-Brasileira do Estado de São Paulo foi criado em 1981, por representantes das associações portuguesas e luso-brasileiras e dos membros presentes na reunião para tal convocada. O primeiro presidente foi o Comendador Valentim Diniz, imigrante proveniente de Pomares, Beira Alta, fundador da rede de Supermercados Pão de Açúcar e um dos próceres da comunidade. O Conselho tem como finalidade ser um órgão de convergência das associações ligadas à comunidade e de todos os luso-brasileiros. Preconiza a difusão dos valores históricos e culturais que unem Brasil e Portugal e reconhece a força do movimento associativo da comunidade. No biênio 2012-2014, o Conselho é presidido pelo Dr. Antônio de Almeida e Silva. Tem sua sede no edifício da Casa de Portugal.

Um levantamento de todas as instituições portuguesas do Estado de São Paulo foi publicado em abril de 2011, pelo Conselho da Comunidade Luso-Brasileira do Estado de São Paulo. Trata-se de uma listagem, classificando as instituições existentes no Estado de São Paulo dentro das seguintes categorias: Diplomacia, Recreação e Folclore, Diplomacia e Comércio, Filantropia e Saúde, Imprensa, Lusofonia. Endereço e contatos de cada uma são oferecidos.

Na década de 40 não há registro de criação nenhuma associação, refletindo o arrefecimento da imigração portuguesa em São Paulo. O mesmo ocorre, entretanto, nas décadas seguintes, 50 e 60, quando foi grande o número dos portugueses que imigraram. Anos depois do término da imigra-

ção numerosa dos anos 1950-1963, associações começaram a ser criadas. Em 1979, o Arouca São Paulo Clube; na década de 80, a Casa dos Açores (1980), a Associação Casa de Macau (1982) e a Sociedade Amigos da Ilha da Madeira (1982); a década de 1990 registra a criação da Associação dos Poveiros de São Paulo (1991), a Casa de Brunhosinho (1991) e a Comunidade Gebelinense (1992). Já no século XXI, aparece a Casa Cultural Império do Minho (2006). Casa de Portugal e outras associações foram surgindo em diversos municípios do Estado.

Quanto às associações, tomamos como exemplo algumas da cidade de São Paulo para mostrar sua criação, objetivos e funcionamento:

Centro Trasmontano. Foi a primeira associação criada, tendo tido início no dia 28 de maio de 1932, fundada por um grupo de imigrantes portugueses da região de Trás-os-Montes, no Norte de Portugal, acima do Rio Douro. Esses portugueses vieram para o Brasil no período posterior à I Grande Guerra, deixando um país empobrecido e buscando novas oportunidades. Era uma sociedade civil, “com caráter beneficente, patriótico e cultural”, sendo seus fins primordiais prestar assistência médica e oferecer atividades recreativas, socioculturais, em benefício dos associados, a fim de estreitar a relação de todos os trasmontanos residentes em São Paulo. Em 1942 adquiriu sede própria na Rua Tabatinguera, 294.¹¹

O objetivo inicial deu origem ao Plano de Saúde Trasmontano. O livro *Trasmontano: uma história de bravura*, de Edna Fátima Pereira da Silva (2011), conta os desafios que foram vencidos até chegar à situação atual. Nos anos 1990 enfrentou uma grave crise financeira, felizmente vencida por uma equipe capitaneada pelo administrador português Fernando José Moredo, inicialmente Gestor Financeiro e depois Presidente da instituição. Hoje, o Trasmontano é reconhecido como um plano de saúde de expressão, contando com o Hospital IGESP, além de quatro pontos de atendimento ambulatorial. Desenvolve programas como o destinado à terceira idade. O presidente atual (2011) é o Dr. Alcides Félix Terrível. Paralelamente à sua atuação no campo da saúde, continua com suas atividades sociais e culturais em estreita relação com as outras associações regionais, organizando mensalmente um evento social animado por fadistas e grupos folclóricos. Um exemplo interessante foi a festa organizada na Tasca do Aldeias do Centro Trasmontano, em 6 de novembro de 2010, em que um grupo de folcloristas se encontrou com a comunidade portuguesa, tendo participado o Grupo Folclórico Cantares e Dançares do Minho. Além desse grupo apresentou-se também a Tocata da Casa Cultural Império do Minho, quando os casais presentes puderam dançar ao som de músicas típicas portuguesas.

¹¹ Ver www.trasmontano.com.br

CASA DOS AÇORES

Algumas associações têm na religião um ponto forte. É o caso da **Casa dos Açores**, que reúne provenientes de diversas ilhas. O Arquipélago dos Açores, no Atlântico, é formado por nove ilhas: São Miguel, Santa Maria, Terceira, Faial, Pico, São Jorge, Flores, Graciosa e Corvo. As condições climáticas, o solo vulcânico e o sistema de posse da terra favoreceram a emigração. É uma Região Autônoma de Portugal desde 1974. Para o Brasil, vieram açorianos especialmente das ilhas Terceira e São Miguel.

Muitos dirigiram-se para São Paulo, outros para Santa Catarina. Em São Paulo, a comunidade açoriana estabeleceu sua sede na Rua Dentista Barreto, 1282, na Vila Carrão, zona leste.

A religiosidade é um elemento muito presente nos Açores, que tem duas grandes e tradicionais festas: a festa do Divino Espírito Santo e a festa do Senhor Santo Cristo.

Nos Açores, a festa do Divino Espírito Santo tinha como elementos a partilha de alimentos, significando a solidariedade, os impérios, o bodo (distribuição de comida aos pobres), a filarmônica (instrumentistas), os enfeites e as insígnias. A festa dura vários dias e requer um ano de preparação. O casal de mordomos que irá organizá-la é nomeado (ÂNGELO, 2009). A festa do Divino Espírito Santo foi recriada em São Paulo pela comunidade, na Casa dos Açores. É realizada no dia de Pentecostes, festa móvel do calendário da Igreja Católica.

A principal atividade da associação paulistana é a preparação e a celebração da festa do Divino Espírito Santo, recriação da festa realizada nos Açores. Enquanto na ilha de São Miguel a festividade dura uma semana, em São Paulo, dura apenas um dia devido às próprias condições de vida numa grande metrópole. Consiste principalmente em uma missa celebrada na paróquia de Santa Marina, próxima à sede da entidade, que se localiza na Vila Carrão, e em uma procissão em que é levada a imagem do Santo Cristo dos Milagres. A procissão recria a tradição dos romeiros que percorriam as igrejas da ilha. A imagem é guardada e venerada na sede da associação, em uma espécie de capela. É carregada em um andor na procissão no dia da festa do Divino. Outro destaque da procissão é uma coroa carregada por uma jovem, especialmente paramentada para essa ocasião, para coroar crianças, também vestidas de acordo com a importância do evento.

Parte importante da festa é a doação de cestas básicas a entidades carentes, atendendo à ideologia da partilha, que congrega todos os participantes em torno do evento.

Durante os meses que precedem a festa, os associados da Casa dos Açores se reúnem para não só preparar o evento, mas para solicitar doações e organizar atividades que possam render os recursos que contribuirão para financiar os gastos com a festa e manter a própria associação. Há

também uma concorrida festa de rua, com barracas em que são vendidos produtos, como alheiras, linguiças e morcelas.

A cada ano é indicado um festeiro pelo mordomo do ano anterior, festeiro esse que será o responsável por toda a organização. A festa foi idealizada originalmente nos Açores por um monge italiano, Da Fiori, que assim criou uma tradição que, ao mesmo tempo, se tornou motivo de conagração, lazer e renovação dos valores cristãos. Para o sucesso do evento, há muito trabalho a ser feito, o que exige bastante colaboração e ajuda mútua, assim como a necessidade de muitas reuniões em que todos participam.

Além dessa atividade central na vida da Associação, são organizadas semanas culturais, em outubro, com a apresentação de grupos folclóricos que dançam e cantam, especialmente o da própria entidade, atividade que está conseguindo motivar os jovens para renovar as tradições e os laços com a região de origem de seus pais ou avós.

As semanas culturais têm sempre um tema, referido aos Açores ou ao Espírito Santo, como expresso no poema:

DOS ROMEIROS A VELHA TRADIÇÃO

HOMENS, QUE SAEM PELA ILHA EM ORAÇÃO.
PÉS DESCALÇOS, BORDÃO À MÃO E A MANTILHA.
PARAM AQUI E ALI. NAS MÃOS O CORAÇÃO,
CANTANDO COM FERVOR À MÃE MARIA.
VÃO ASSIM, JUNTOS E A SÓS, RUMO À ERMIDA.
LEVAM CONSIGO: O PÃO, A BUSCA, A CRENÇA E A FÉ.
LOGO À NOITINHA CHEGAM AO ADRO, PRÁ GUARIDA
A CAMA, ÁGUA NA CELHA, A CEIA ATÉ...
DE TANTO CAMINHAR, PEDEM DESCANSO.
NO PEITO, A ALMA PROCLAMA A EMOÇÃO.
DESCANSA O CORPO E O CORAÇÃO JÁ EM REMANSO
ESTÁ FELIZ POR PERCORRER AQUELE CHÃO.
ATÉ ENTÃO, NÃO SE SABIA O QUE ERA A ILHA.
AO PERCORRÊ-LA, PORÉM, DÁ-SE-LHES O CONDÃO,
DE REVELAR A ESTES CRENTES, A MARAVILHA
DAS FREGUESIAS, RIBEIRAS, MATAS, A VISÃO.
PELAS ESTRADAS, EM COMUNHÃO, CAMINHA E VÊ
TANTA BELEZA, NO MAR, NA TERRA, NA ORAÇÃO.
NAS ALDEIAS SINOS TOCAM, PRA QUEM CRÊ.
EIS OS ROMEIROS! QUEM OS QUER, PEGUE-OS NA MÃO.
HÁ NOS AÇORES VELHAS E LINDAS TRADIÇÕES
TODAS LIGADAS À TERRA E À RELIGIOSIDADE
A MÃO TRABALHA, MAS NÃO FALTAM EMOÇÕES.
DO JÁ IDOSO, DA CRIANÇA, OU MOCIDADE.
DAS ILHAS AO DERREDOR, ROMEIROS SÃO
COMO QUE SIMBOLOS DA TRADIÇÃO QUE LHES LEGARAM
OS SEUS AVÓS QUE LHES PASSARAM, MÃO EM MÃO.
A FÉ, O TERÇO, A ORAÇÃO QUE LHES CANTARAM.

NO VÃO DOS TEMPOS, TOCAM OS SINOS, ANUNCIANDO...
ACORRAM! VENHAM!!!! SÃO OS ROMEIROS QUE CHEGARAM...

São Paulo, 23 de outubro de 2007

ANTONIO TAVARES ARRUDA EMIGRADO DA ILHA DE SÃO MIGUEL
PARA SP/BRASIL EM DEZEMBRO/1963

COMUNIDADE GEBELINENSE DE SÃO PAULO

Gebelim é uma pequena aldeia no Norte de Portugal, com apenas 15 km² de área. Pertence ao Concelho de Alfândega da Fé, na região trasmontana. Gebelim conta apenas com 276 habitantes registrados, mas a comunidade em São Paulo é vigorosa. No almoço realizado em 2011, contou com 800 pessoas presentes, o que significa três vezes mais que a população da aldeia. Os almoços anuais são feitos no dia dedicado a São Bernardino de Sena, o santo protetor da aldeia (terceiro domingo de setembro). O dia festivo tem início com missa e procissão, seguindo-se um lauto almoço e shows de artistas conhecidos, como o cantor Roberto Leal. Segundo o presidente da casa, a associação foi formada para que os descendentes dos gebelinenses conheçam sua origem. O número aproximado de associados é de 430.

A revista Naus, em número dedicado a Gebelim (n. 178, ano 15, 2011), relata com detalhes a história da criação dessa associação. Conta que, em 1988, os amigos Avelino Augusto Teixeira e Alcino Augusto Loureiro, naturais da aldeia de Gebelim, tiveram a ideia de reunir os conterrâneos de mesma origem com a finalidade de arrecadar recursos para construir uma capela a ser dedicada a São Bernardino de Sena. Organizaram um primeiro encontro de oriundos da aldeia no dia 10 de setembro de 1989, no mesmo dia em que era comemorada a festa na aldeia de que provinham. Outros eventos foram sendo organizados com o mesmo objetivo. Ao mesmo tempo foi amadurecendo a ideia de se formar uma associação que congregasse os conterrâneos que viviam em São Paulo. Foi uma ampliação dos objetivos, dado que perceberam a importância de construir uma sede, assim como a necessidade de fazer com que as novas gerações conhecessem a terra de seus pais e avós. Um grupo de mais ou menos cinquenta e quatro pessoas e seus familiares passou, então, a trabalhar com empenho nesse sentido organizando eventos em outras associações que emprestavam sua sede para que pudessem alcançar o fim almejado, contando com o apoio do Clube Benfica, do Arouca São Paulo Clube e da Associação Portuguesa de Desportos Assim que dispuseram da quantia necessária, foi adquirido um terreno de 7.000m² onde foi construído um galpão, de tal modo que as festas da entidade pudessem ser lá realizadas, festas essas que ocorrem até hoje,

além de outras atividades, atraindo grande número de participantes. A sede fica em Mairiporã, na Serra da Cantareira.

CASA CULTURAL IMPÉRIO DO MINHO

A Casa Cultural Império do Minho é uma entidade recente no rol das associações regionais da comunidade luso-brasileira, buscando agregar imigrantes de toda a província do Minho. Foi fundada em novembro de 2006, com o objetivo de contribuir para o desenvolvimento cultural e do folclore português, já que a primitiva Casa do Minho fora extinta. Foram treze os fundadores. Está situada à Rua Jaguaretê, 414, na Casa Verde, e ocupa uma grande sala alugada em uma sobreloja acima de um estabelecimento comercial. Tem mesas e cadeiras para cerca de cento e vinte pessoas, que participam das festividades organizadas aproximadamente a cada quarenta dias. Muitos quadros enfeitam as paredes, sempre com figuras e fotos alusivas a Portugal. Ao seu lado aparecem pôsteres e cartazes de instituições de origem portuguesa, que colaboram mensalmente com a associação.

Um dos objetivos da Casa é agregar os jovens da segunda e terceira gerações, organizando para tal o rancho folclórico; jovens se reúnem para os ensaios e apresentações na própria Casa e em outros espaços, como no Centro Trasmontano todo primeiro sábado do mês. A Casa Cultural Império do Minho conta com um pequeno número de associados permanentes (de vinte a trinta), mas muita gente frequenta a entidade, especialmente nos eventos culturais, como os almoços em que se apresenta o grupo folclórico. Nessas ocasiões, recebem a visita de muitos que não têm origem portuguesa, mas apreciam os quitutes da “terrinha”, que são preparados pelas senhoras da comunidade. É o caso de pessoas de origem japonesa que lá vão para comer a bacalhoadada.

Contaram com o apoio de várias pessoas no início para instalar e mobiliar a sede da entidade. A Casa tem relacionamento intenso com outras associações regionais. O grupo folclórico apresenta-se também em casamentos, aniversários e em festas de outras associações. Também a Tocata, com músicas especialmente de origem portuguesa, costuma se apresentar em vários eventos.

A Casa do Minho do Rio de Janeiro continua existindo. A de São Paulo denominou-se Casa Cultural Império do Minho, para distingui-la daquela criada na década de 30, agora extinta.

ASSOCIAÇÃO DOS POVEIROS DE SÃO PAULO

Reúne imigrantes provenientes da Póvoa do Varzim, terra do escritor Eça de Queiroz, e das aldeias próximas, como Amorim, Aguçadoura, Beiriz, Laúndos, Estela, Rates, entre outras. Em Laúndos, está o Monumento ao Emigrante, construído no Morro de São Félix pelo imigrante “brasileiro”

Manoel Moreira Giesteira. Imigrante bem sucedido, Giesteira fez construir em Laúndos um monumento que preservasse a memória de todos aqueles poveiros que deixaram sua terra para viver no Brasil.

A Associação dos Poveiros de São Paulo foi fundada em 1991, estando localizada na Vila Maria. A fachada da casa mostra sua origem portuguesa, decorada que é por azulejos azuis.

Antônio Moreira, imigrante proveniente de Estela, aldeia da Póvoa do Varzim, conta que há muito tempo estava sendo gestada a ideia de fundarem uma associação que reunisse seus conterrâneos. O projeto tornou-se realidade em 1991, quando um grupo de doze poveiros se reuniu na casa do Dr. Manoel Fernandes da Cruz, decidiram fundar a associação e elegeram informalmente Dr. Manoel como presidente.

O contato com o atual presidente e um diretor da associação tornou clara sua preocupação de manter os laços com a pátria de origem e, especialmente, fazer conhecer sua região aos descendentes nascidos no Brasil. Para isso, a entidade tem um grupo folclórico – Grupo Folclórico Rancho Poveiro, do qual participam vários jovens, grupo esse que se apresenta seja nos almoços periódicos da associação, seja em reuniões festivas de associações congêneres ou, a convite, em eventos de organizações variadas, o que contribui para canalizar alguns recursos para a entidade. Há grande interesse nos acontecimentos da cidade portuguesa, como atestam exemplares de jornais da Póvoa do Varzim. Em abril de 2011, foram comemorados os vinte anos de existência da associação.

Alguns traços se destacam no conjunto dessas associações regionais:

O principal motivo da sua criação e manutenção é certamente a reunião dos conterrâneos, visando ao lazer e variando a atividade realizada, e também o despertar dos jovens para a história de seus antepassados e o conhecimento de sua região de origem. A memória do lugar de origem e de Portugal é um objetivo sempre presente.

Em algumas associações, como a Casa dos Açores, a festividade religiosa em honra ao Espírito Santo tem lugar de destaque; em todos os casos, Nossa Senhora de Fátima é venerada, assim como o santo padroeiro da região de origem.

A reunião dos conterrâneos abrange a recuperação das tradições, que se expressa na culinária, na música e nas danças regionais. O Rancho folclórico motiva a participação dos jovens. O auxílio aos necessitados não é mais objetivo primordial das associações, como acontecia inicialmente na ocasião da fundação das primeiras associações regionais na década de 30, embora haja iniciativas nesse sentido.

Nota-se uma intensa participação das mulheres, em geral esposas dos diretores, na confecção dos pratos típicos da culinária portuguesa, como a bacalhoadada e a sardinhada, servidos nas festas. Os diretores também colaboram adquirindo ingredientes e participando da preparação.

Outras associações da cidade de São Paulo são: o Arouca São Paulo Clube e a Casa da Ilha da Madeira, a Casa de Brunhosinho e a Casa de Macau. Casas de Portugal e associações regionais existem em vários municípios.

Há um calendário anual dos eventos das associações, para que as datas não se sobreponham.

GRUPOS FOLCLÓRICOS

Merecem destaque os grupos folclóricos que preservam as danças e cantares das diferentes regiões. São formados por jovens, rapazes e moças, que se reúnem para os ensaios e apresentações, estas com trajes típicos e a música instrumental. Na cidade de São Paulo há o Grupo Folclórico da Casa de Portugal, o do Clube Português, da Casa dos Açores, da Casa Ilha da Madeira, o Rancho Folclórico Cantares e Dançares do Minho, o dos Veteranos de São Paulo do Clube Português, além do Raízes de Portugal, do Santa Marta dos Navegantes, do Aldeias de Nossa Terra, do Rancho Folclórico Casa de Brunhosinho e do conhecido Rancho Folclórico Pedro Homem de Melo que se reúne no Santuário de Nossa Senhora de Fátima.

IGREJAS

O Santuário de Nossa Senhora do Rosário de Fátima é um ponto de encontro da comunidade luso-brasileira, comunidade que tem na religiosidade e, especialmente no catolicismo, um dos traços marcantes. A devoção a Nossa Senhora de Fátima é muito grande entre os portugueses. No dia 13 de maio de 1917, houve a aparição de Nossa Senhora a três pastorinhos, na cova da Iria. Eram Lúcia (dez anos), Francisco (nove anos) e Jacinta (sete anos). Nossa Senhora apareceu mais cinco vezes, sempre no dia 13. Identificou-se como Nossa Senhora do Rosário, tinha um manto branco e um rosário na mão. Pediu que no lugar fosse erigida uma capela. Revelou um segredo que deveria ser guardado. Recentemente (2000) esse segredo foi revelado e interpretado conjuntamente por Lúcia e pelo Papa. Segundo a interpretação da Santa Sé, “o segredo consiste numa visão profética, comparável às das Sagradas Escrituras, que não descrevem de forma fotográfica os detalhes dos acontecimentos futuros, mas sintetizam e condensam sobre a mesma linha de fundo fatos que se prolongam no tempo numa sucessão e duração não especificadas. Em consequência, a chave de leitura do texto só pode ser de caráter simbólico.” A Irmã Lúcia, no seu encontro com o enviado do Papa, cardeal Tarcísio Bertone, antes da divulgação do segredo, reafirmou sua convicção de que a visão de Fátima se referia, sobretudo, à luta do comunismo ateu contra a Igreja e os cristãos e descreveu o enorme sofrimento das vítimas da fé no século XX, especialmente aquelas

que viviam em países em que a prática religiosa foi abolida. Também, segundo a Irmã Lúcia, o “bispo vestido de branco” era o Papa, ainda que a visão não parecesse se referir a um Papa específico.

A devoção a Nossa Senhora de Fátima foi trazida ao Brasil pelos imigrantes. No início de 1931, o Conde José Vicente de Azevedo doou um terreno no bairro do Sumaré aos frades franceses da Ordem Terceira Regular de São Francisco – TOR, para a construção de uma casa destinada às obras das vocações e de uma igreja.

No dia 9 de janeiro de 1932 foi rezada a primeira missa e no dia 11 de fevereiro a casa e a capela foram inauguradas. A pedra inaugural do santuário foi colocada em 1935. A imagem de Nossa Senhora de Fátima foi introduzida no dia 13 de maio de 1939. A construção da igreja demorou treze anos, tendo sido inaugurada em 1948.¹² Foi a primeira igreja dedicada a Nossa Senhora de Fátima, construída fora de Portugal.

A comunidade luso-brasileira se reúne na igreja no dia 13 de cada mês. Há uma procissão pelas ruas próximas, uma missa solene e a seguir um café com bolos e guloseimas portuguesas, como bolinho de bacalhau, bolo de mel madeirense, pastéis de Santa Clara etc. Há um almoço à portuguesa animado pelo Rancho Folclórico Pedro Homem de Mello.

Outras igrejas são também frequentadas pela comunidade portuguesa. Merece destaque a Igreja do Espírito Santo, localizada à Rua Frei Caneca, próximo à Avenida Paulista, onde teve início a festa do Espírito Santo, que ainda hoje é realizada. Alguns dos primeiros imigrantes açorianos que aqui chegaram tinham chácaras na região da Paulista. Nos moldes dessa festa foi criada a da Casa dos Açores.

Há também a Igreja de Nossa Senhora da Aparecida, na Vila Beatriz, que era conhecida como a ‘igreja dos portugueses’. Contam os antigos moradores da região que os morros e planaltos de Pinheiros eram cortados pelo Córrego do Rio Verde, que nascia perto da rua Oscar Freire e desaguava no Rio Pinheiros. As localidades do lado oeste do córrego, onde hoje está a Vila Madalena, chamavam-se, já no início do século XX, Sítio do Rio Verde. O proprietário das terras era um português, que tinha três filhas: Beatriz, Ida e Madalena, que deram origem aos nomes dos atuais bairros da Vila Beatriz, Vila Ida e Vila Madalena, quando, após a morte do proprietário, suas terras foram divididas pelas herdeiras. A história faz parte da memória oral dos habitantes da Vila¹³

¹² O Santuário de Nossa Senhora do Rosário de Fátima está localizado à Av. Dr. Arnaldo, 1831, Sumaré, São Paulo – Tel.: 3862-8665 - e-mail: Josemaria20012001@yahoo.com.br AZEVEDO, Gerson. *Guia da Vila Madalena*. São Paulo, ed. 160, dez. 2010.

¹³ RODRIGUES, Flávia Maria de Castro. Monografia (Conclusão de Curso de Turismo) - Faculdades Integradas Teresa Martin, sob a orientação da Professora Andréia Maria Roque. AFONSO, Décio Justo. *Vila Madalena - História, Fatos e Fotos 1900 a 2000*. São Paulo: Nativa, s.d. AZEVEDO, Gerson. *Guia da Vila Madalena*. São Paulo, ed. 160, dez. 2010

A Igreja de São Domingos Sávio, paróquia do bairro de São Domingos, contou para sua construção com o empenho e o trabalho do imigrante Antônio Moreira, que soube motivar para essa tarefa outros portugueses.

IMPrensa

Há vários órgãos da imprensa escrita e falada da comunidade luso-brasileira no Brasil. Entre eles se destaca o jornal *Portugal em Foco*, que tem sede no Rio de Janeiro, sendo de propriedade da sra. Benvinda Maria, membro da comunidade portuguesa dessa cidade. Inclui um caderno especial sobre São Paulo, que é de responsabilidade do jornalista Armando Torrão, personalidade de destaque na comunidade. Torrão está atuando nesse meio de comunicação desde 1988 e considera a publicação como um elemento importante de união da comunidade luso-brasileira e de manutenção dos laços com Portugal, bem como de preservação da identidade coletiva no que diz respeito à origem. O teor principal de suas matérias é a divulgação de eventos das diversas associações que congregam luso-brasileiros, assim como a veiculação de notícias sobre Portugal e a visita de pessoas ilustres. Traz muitas ilustrações (fotos dos eventos e de personalidades de destaque), com menor conteúdo textual. O jornal tem oito mil assinantes nos dois estados, contando com um bom número de anunciantes, principalmente entre as firmas de origem portuguesa, como o Banco Banif e a Numatur, além de outros não tão constantes. Comemorou cinquenta anos de fundação no ano de 2011. É de se mencionar a iniciativa da proprietária do jornal, que leva para Portugal todos os anos um grupo de jovens, participantes de grupos folclóricos de diversas entidades portuguesas, tanto do Rio de Janeiro como de São Paulo, para que lá se apresentem e, por outro lado, para que conheçam a terra de seus antepassados. A condição para serem convidados é que nunca tenham estado na pátria de origem de seus pais e avós.

O jornal *Mundo Lusíada*, de periodicidade quinzenal, é publicado em São Bernardo do Campo, na Grande São Paulo, circulando nas associações da comunidade portuguesa de São Paulo, no Grande ABC e Baixada Santista, nos Elos Clubes de São Paulo e do seu entorno. É enviado pelo correio para Brasília, para os estados da região sul e alguns estados da região sudeste e nordeste. Traz artigos de fundo, de caráter político, bem como notícias políticas e esportivas de Portugal. Dado o grande número de luso-descendentes na região de Santos e no Rio de Janeiro tem uma seção dedicada à Baixada Santista e outra ao Rio de Janeiro, com informes sobre os eventos das associações da comunidade. Tudo o que se refere a brasileiros em Portugal ou a portugueses de renome no Brasil é relatado com destaque em suas páginas. Conta com diversos anunciantes, sejam eles ou não de origem lusa.

A revista *Naus* é uma publicação mensal da Editora Cascais, dirigida à comunidade luso-brasileira. Traz um artigo de fundo, que exprime a opi-

nião do articulista, geralmente membro de uma associação vinculada ao Conselho da Comunidade Luso-Brasileira de São Paulo. Traz notícias de caráter econômico, político e cultural, bem como divulga eventos das associações. Neste último caso, mostra fotos das festividades e de seus participantes, dando destaque às personalidades mais importantes de cada uma. Há sempre uma matéria especial sobre Portugal, como, por exemplo, no número 178, um artigo sobre o vinho do Porto e outro sobre a aldeia de Gebelim.

A Câmara Portuguesa de Comércio de São Paulo edita um periódico bimestralmente, *Câmara Portuguesa em Revista*, que, durante o ano de 2011, deu amplo destaque à comemoração dos noventa e nove anos de existência da Câmara Portuguesa de Comércio no Brasil. Vários números dedicaram-se a recuperar a história dessa instituição, bem como a relatar os eventos que marcaram essas comemorações. O homenageado especial de 2011 foi o próprio presidente português, Aníbal Cavaco Silva, que sempre se distinguiu pelo apoio às relações culturais e econômicas entre Portugal e Brasil.

RÁDIO

Do mesmo modo como em relação à mídia impressa da comunidade luso-brasileira, há vários programas radiofônicos dirigidos aos membros dessa comunidade. O radialista Martins Araújo é corresponsável pelo programa *Portugal dentro de nós*, que vai ao ar diariamente, das 17 às 18h, pela Rádio Trianon. Trata-se de um programa de variedades, em que são veiculadas notícias de interesse dos luso-descendentes, apresentadas músicas cantadas por artistas de Portugal e entrevistadas pessoas que têm relação com temas portugueses. Outros programas têm nomes bastante sugestivos, como *Navegar é preciso*, *Portugal, a saudade e você*, *Heróis do mar*, *Portugal, minha saudade*, entre outros. Todos fazem referência à pátria de onde partiram e da qual sentem saudade, assim como ao passado glorioso de Portugal, que já se tornou um mito sempre lembrado. Se o presente não se reveste de tanta glória, recorrem ao passado e, nesse sentido, a caravela é o símbolo concreto que traz à memória a recordação desses feitos que tornam orgulhosos os filhos da pátria distante, mas presente no coração de cada um.

DIFERENTES CONDIÇÕES SOCIOECONÔMICAS

Depois de tantos anos no país, os imigrantes encontram-se em condições socioeconômicas bastante diversas, embora na fase inicial não houvesse grandes diferenças. O traço comum nas variadas trajetórias é o trabalho árduo e a busca constante por melhores condições econômicas. Aceitavam qualquer tipo de trabalho, mesmo que não prestigiado socialmente. O trabalho em padarias, açougues, bares, pensões, construção civil... foi o começo para muitos.

Hoje há aqueles bem sucedidos, os medianamente bem sucedidos, os casos de retorno e os casos de insucesso. A frequência às casas centrais, assim como às associações regionais reflete essa estratificação.

Na Casa de Portugal e no Clube Português reúnem-se aqueles que podem ser considerados a elite da comunidade. Muitos são os comendadores, em geral da Ordem do Infante Dom Henrique. Na Casa de Portugal, além das festas, da visita de personalidades importantes no mundo político e literário, há o almoço das quintas feiras, tradicional ponto de reunião. Integram a Câmara Portuguesa de Comércio, como associados, aqueles bem sucedidos, proprietários e gestores de empresas de grande ou médio porte. Muitos imigrantes bem sucedidos foram já objeto de biografias, como o Comendador Valentim Diniz, cuja trajetória vitoriosa é relatada no livro *Meu pão com açúcar* (1998).

É frequente o caso daqueles que tiveram sucesso em um negócio de pequenas proporções e que poderiam ser classificados em uma camada média. São esses que costumam se reunir nas associações regionais. Essa diferenciação é percebida e comentada na comunidade. Os membros das associações regionais só participam de eventos importantes na Casa de Portugal ou no Clube Português quando são especialmente convidados. Sentem-se melhor nas associações, onde se encontram com seus “iguais”. Os diretores costumam frequentar as outras associações regionais em ocasiões festivas, percebendo-se uma troca e colaboração efetivas.

As sedes das associações regionais estão instaladas em casas ou salas situadas em bairros mais populares, nem sempre na vizinhança das casas dos próprios membros das entidades. Sua localização dependeu, muitas vezes, da possibilidade de aquisição ou locação de um imóvel apropriado e por preço razoável. O principal motivo que levou à fundação das associações, que foi a aspiração de manter as tradições e a ligação com a região de origem, os faz hoje se preocuparem bastante com a preservação das raízes. Por trás disso está a necessidade de transmissão desse sentimento às gerações posteriores, pois serão elas que deverão dar prosseguimento às obras criadas pelas primeiras gerações portuguesas chegadas a São Paulo; para tal é importante que os jovens comecem a participar efetivamente dos colegiados das associações e das decisões que são tomadas. Essa preocupação se faz presente e, de forma marcante, também entre os membros bem posicionados na comunidade.

SUCESSO E INSUCESSO DO PROJETO MIGRATÓRIO

Em grande parte dos casos, imigravam inicialmente os homens. Quando conseguiam se estabilizar, mandavam vir os irmãos, o pai e a mãe e, se casados, a mulher e os filhos. Em muitos casos, os pais, já em outra faixa etária, não se adaptavam ao país e muitos retornavam. A ideia do regresso é parte integrante do projeto migratório, como uma possibilidade que fecharia o percurso.

A decisão de emigrar, geralmente, não era para uma permanência definitiva. Pretendiam trabalhar duro, amealhar um pecúlio e regressar à aldeia natal onde comprariam uma terra. Esse regresso era frequentemente postergado, por já terem os filhos se integrado, e pelas melhores condições de vida desfrutadas. Era o “mito do eterno retorno”, para usar as palavras de Paulo Filipe Monteiro (1994). O regresso ocorria em circunstâncias diversas.

Havia os que conseguiram o objetivo proposto e regressaram, tendo amealhado uma quantia suficiente para comprar uma propriedade na aldeia de origem. Foi o caso do pai de José Pisco, relatado por esse entrevistado natural de Corrilhá, Viana do Castelo, que emigrou com dezesseis anos para não ser incorporado ao exército. O pai veio antes, trabalhava na Ford como segurança e mandou a carta de chamada. A mãe ficara em Portugal

Meu pai mandava dinheiro e nós trabalhávamos na agricultura. Plantávamos batata, arroz, milho, feijão, verduras, uva, legumes e vários tipos de frutas. (...) Ele só ficou para juntar dinheiro suficiente para comprar o sítio dele. Demorou uns dez anos para pagar, quando terminou, retornou.

O pai deu um terreno a cada um dos seus sete filhos. Conta José Pisco:

Nós temos uma casinha lá. Então, quando chegamos, vamos direto para lá. Meus irmãos também têm casas por perto. Meu pai transformou uma parte do sítio em loteamento. Ele disse que só morreria quando todos os filhos construíssem uma casa lá. Então todos os irmãos fizeram uma casinha nesse loteamento.

Há casos de “brasileiros” que voltam à aldeia, enriquecidos, e se tornam alvo da admiração dos conterrâneos. Constroem grandes casas na aldeia. Casas são também construídas por imigrantes bem sucedidos que vivem no Brasil e as mantêm para férias ou pensando em um regresso futuro.

Por outro lado, havia aqueles que não se adaptaram e outros que foram mal sucedidos em seu projeto, desistiram e optaram pelo retorno. Os que permanecem no Brasil mantêm uma relação constante com os parentes que ficaram na aldeia e com a própria aldeia. É o caso do imigrante Alcino, diretor de uma associação regional, que fala de suas viagens a Portugal e à aldeia.

Eu vou para vários lugares, eu programo, mas uma semana eu fico na minha aldeia, e curto minha aldeia uma semana. Eu sempre digo uma frase que eu acho, pra mim..., eu sou que nem cachorro magro, entro em toda porta – visito doentes, visito todas as pessoas que estiveram enfermas, se puder ajudar ajudo, e vou visitar os velhinhos, aqueles velhinhos todos. E isso agrada muito o pessoal da aldeia. O que é que não agrada: pessoa que vai lá e fica se exibindo.

Os casos de insucesso, embora não sejam tão numerosos em relação ao total de membros da comunidade luso-brasileira, são menos estudados. Há um número significativo daqueles que não têm condições de sobrevivência por si próprios, necessitando do apoio material de familiares e conterrâneos. Quando isso não é possível, buscam apoio no consulado português em São Paulo que intermedia pedido encaminhado ao governo de Portugal. Geralmente trata-se de pessoas que trabalharam toda a sua vida sem registro em carteira e agora não conseguem provar esse fato diante da Previdência Social brasileira. Precisam, então, da ajuda do consulado que, por meio do Centro de Apoio aos Portugueses Carenciados - ASEC-ASIC -, abre um processo para averiguação. Quando se constata realmente uma situação precária, é encaminhada uma solicitação de apoio pecuniário ao Ministério dos Negócios Estrangeiros de Portugal que, se aprovada, dá origem ao envio da quantia de cento e setenta e um euros¹⁴ a cada três meses para os que têm mais de sessenta e cinco anos (dados de 2011) para prover as necessidades mais básicas da pessoa carente. Como, de modo geral, a resposta à solicitação costuma demorar um bom tempo, a entidade de auxílio social do Consulado costuma dar uma cesta básica às pessoas necessitadas enquanto não chega o apoio financeiro de Portugal. Em 2011, em São Paulo eram 730 as pessoas que recebiam esse auxílio diretamente de Portugal.

Para um número pequeno de pessoas, que não têm membros da família que possam delas cuidar, existe a possibilidade de viver no Lar da Provedoria da Comunidade Portuguesa, uma casa que abriga idosos a partir de sessenta e cinco anos, que ainda não necessitem de cuidados médicos constantes, situada no Tucuruvi. Trata-se de uma iniciativa da comunidade ou de pessoas que dispõem de mais recursos e podem colaborar para a manutenção dessa casa. Há cerca de duzentos sócios contribuintes. Vários eventos são organizados com a finalidade de arrecadar recursos. Em 1978, foi inaugurado um primeiro edifício que poderia abrigar de trinta a quarenta pessoas. Em 2004, com apoio do governo português, foi finalizada a obra, que tem hoje capacidade para noventa idosos. Contam com uma equipe de profissionais para o cuidado dos internados. É uma casa simples, mas bem organizada. O Lar é dirigido por uma diretoria executiva e um Conselho.

Há uma integração do Lar na região circundante. Um grupo de jovens da paróquia vizinha costuma apresentar danças no último domingo do mês, quando são comemorados aniversários. Os idosos têm liberdade para sair, podendo ir sozinhos à igreja próxima ou ao supermercadinho, desde que estejam em boa condição física. Assistem à TV, apreciando bastante as novelas. Raramente assistem à RTP, Rádio e Televisão Portuguesas.

¹⁴ Dados de 2011.

REFLEXÕES

O processo de integração do imigrante no país de acolhimento tende, no decorrer do tempo, a levar a um distanciamento das origens, para o que concorre o ambiente da sociedade envolvente. No outro polo do processo, a preservação das raízes requer um empenho, exigindo uma ação consciente que constitui um dos objetivos da comunidade por meio de suas instituições e da atuação das associações regionais, assim como dos órgãos da mídia dirigida à comunidade.

Uma observação recorrente é a constatação da maior integração na sociedade de acolhimento por parte da segunda geração, o que certamente age no sentido de levar ao distanciamento das origens portuguesas. Por isso mesmo, a esperança dos imigrantes, entre os quais estão os diretores das associações se coloca na terceira geração, os netos, que estão sendo incentivados a se interessar pelas festividades, pela participação nos grupos folclóricos e, especialmente, pela origem dos antepassados.

A preservação das raízes portuguesas é um traço da identidade coletiva dos imigrantes, marcada por elementos como a memória do passado heroico do Portugal das navegações e das descobertas dos séculos XV e XVI. A imagem das caravelas é muito usada como identificação de empresas de origem portuguesa. A saudade, sentimento atribuído aos portugueses, só tem razão de ser quando existe uma forte relação com o ausente, no caso, a aldeia e Portugal.

As associações da Comunidade, assim como os meios de comunicação, trabalham no sentido da preservação das tradições, costumes, ou seja, da manutenção das raízes.

A identidade pessoal dos imigrantes portugueses no Brasil preserva traços da identidade coletiva, conjugados com traços referidos ao país de acolhimento. Vivem a ambiguidade de se sentir portugueses e também brasileiros.

Almeida e Silva, presidente do Conselho da Comunidade Luso-Brasileira, que chegou ao Brasil com apenas dois anos de idade, em entrevista ao *Mundo Lusíada*, assim se define: “Eu me considero um luso-brasileiro por inteiro. Todo português, para onde vai, se integra de tal forma que acaba tendo duas pátrias. O meu caso não foge à regra.”¹⁵

¹⁵ *Mundo Lusíada*, ed. 282, ago. 2011, p.12, entrevista especial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANGELO, Elis Regina Barbosa. As festas do Divino Espírito Santo nas ilhas Terceira e São Miguel nos Açores. *Revista Eletrônica de Turismo Cultural*. v. 3, n. 1, p. 37-56, 1º sem. 2009. Disponível em: www.eca.usp.br/turismocultural
- DINIZ, Valentim dos Santos. *Meu pão com açúcar*. São Paulo, 1998.
- LAMPREIA, Luiz Felipe. “Atualidade” in: DONATO, Hernâni; LAMPREIA, Luiz Felipe. Câmara Portuguesa de Comércio no Brasil. *O investimento português no Brasil: histórico e atualidade*. São Paulo: Nova Bandeira, 2003.
- LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo; CAMPOS, M. Christina Siqueira de Souza; DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri. *História Oral, sociologia e pesquisa: a abordagem do CERU*. São Paulo: Humanitas/CERU, 2010.
- MONTEIRO, Paulo Filipe. *Emigração: o mito do eterno retorno*. Oeiras, Celta Editora, 1994.
- ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz. *Sociologia das Migrações*. Lisboa, Universidade Aberta, 1995.
- _____. Recriação de identidades em contextos de migração. In: LUCENA, Célia Regina Toledo; GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. (Orgs.) *Discutindo identidades*. São Paulo: Humanitas/CERU, 2006. p. 75-90.
- SANTOS, Boaventura de Souza. *Pela mão de Alice*. O social e o político na pós-modernidade. Porto: Afrontamento, 1994.
- SAYAD, Abdelmalek. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo, EDUSP, 1998.
- SILVA, Edna Fátima. *Trasmontano: uma história de bravura*. São Paulo: Edição do Autor, 2011.